

SENSO COMUM, SAMBA E DISCURSO POPULAR¹

Ricardo Azevedo²

Resumo:

Em tempos de excessiva valorização do indivíduo e da “expressão individual e singular”, tempos da “vanguarda”, da “última moda” e do “conhecimento de ponta”, a noção de “senso comum” costuma ser sistematicamente desprezada e tratada como mera obviedade ou redundância. A crença em tais premissas naturalmente resultam num certo discurso que poderia ser chamado de “moderno, hegemônico e escolarizado”. Os objetivos desse artigo são: 1) colocar em discussão essas premissas; 2) demonstrar que, ao contrário, o “senso comum” corresponde a um insubstituível acervo de conhecimento humano; e 3) demonstrar, através de algumas letras de samba, como o referido acervo pode ser visto como um verdadeiro recurso no âmbito do discurso popular.

Palavras-chave: formas literárias populares – cultura popular – música popular – oralidade – literatura comparada

Abstract:

In modern times of excessive individualism and single expression valuation, times of "vanguard", "new wave" and "updated knowledge", a notion as "common sense" has been put aside, systematically, and has been seen as simple obviousness or redundancy. Naturally, the belief in such assumptions has resulted in a certain discourse which could be called "modern, hegemonic and schooled". The purposes of this article are: 1) to discuss these assumptions; 2) to demonstrate, instead, that "common sense" represents an irreplaceable assemblage, a reserve of human knowledge; and 3) based on some Samba lyrics, to demonstrate how said assemblage or reserve can be seen as an important resource in popular discourse.

Keywords: Literary popular forms, Popular culture, Brazilian popular music – Orality – Comparative Literature

A expressão *senso comum* costuma apresentar significados divergentes. Pode ser vista como o resultante de uma “faculdade da alma” capaz de reunir e coordenar nossas sensações a respeito de um mesmo fenômeno, determinando assim nossa percepção a respeito do mesmo.

Pode ser também “o conjunto das opiniões tão geralmente admitidas, numa dada época e num dado meio, que as opiniões contrárias aparecem como aberrações individuais, inúteis de se refutar...” (LALANDE, 1993, p.998), ou seja, um conjunto de paradigmas que implicam grande consenso.

¹ Este artigo corresponde ao sub-capítulo 6.12, páginas 559 a 578, da tese “Abençoado e danado do samba: as formas literárias populares: o discurso da pessoa, das hierarquias, do contexto, da oralidade, da religiosidade, do *senso comum* e da folia”, FFLCH área: Teoria Literária USP, defendida em 2004, ainda não publicada.

² Escritor e doutor em Letras.

Porém, para os filósofos de Port-Royal, começo do século XVII, é preciso lembrar, “o senso comum não é uma qualidade tão comum como se pensa” (CUVILLIER, 1961, p.142).

Em geral, o discurso *moderno, hegemônico e escolarizado* tem associado o *senso comum* a noções como “lugar-comum”, “fórmula”, “o mesmo de sempre”, “estereótipo”, “clichê” e, sempre nesse sentido pejorativo, poderia ser sintetizado por expressões como “obviedade”, “banalidade”, ‘redundância’ e “falta de originalidade”.

Trata-se de uma visão limitada, ela sim preconceituosa e “estereotipada”, sobre um assunto bastante complexo, multifacetado e amplo.

Para estudiosos do conhecimento como os sociólogos Peter Berger e Thomas Luckmann, o “‘conhecimento’ do *senso comum*, e não as ‘idéias’, deve ser o foco central da sociologia do conhecimento. É precisamente este ‘conhecimento’ que constitui o tecido de significados sem o qual nenhuma sociedade poderia existir” (BERGER; LUCKMANN, 2002, p. 30).

Creio que essa diferenciação entre “conhecimento”, algo pragmático e situado, e “idéia”, algo teórico e virtual, nos ajuda a compreender o modelo de consciência *popular*, essencialmente fundado no conhecimento prático das coisas.

Mesmo que de forma esquemática, tenho oposto o modelo *popular* a outro modelo de consciência, o *moderno, hegemônico e escolarizado*, largamente difundido, que poderia ser considerado o modelo oficial e que, naturalmente, tem seu discurso.

Refiro-me à existência, numa mesma sociedade e numa mesma época, de diferentes padrões sociais, éticos e estéticos.

Fato é que o mundo da nossa vida cotidiana, mundo da nossa subjetividade e das nossas idiossincrasias, está impregnado de *senso comum* e este constitui parte vital do que chamamos de “realidade”. “O mundo da vida cotidiana não somente é tomado como realidade certa pelos membros ordinários da sociedade, na conduta subjetivamente dotada de sentido que imprimem a suas vidas, mas é um mundo que se origina no pensamento e na ação dos homens comuns, sendo afirmado como real por eles.” (Idem, p.36).

Por esse viés, o *senso comum* seria uma espécie de acervo desenvolvido ao longo dos séculos contendo “inumeráveis interpretações pré-científicas e quase-científicas sobre a realidade cotidiana...” (Idem, p.37) admitidas como certas, consensuais e paradigmáticas.

Dizem Berger e Luckmann que entre as múltiplas realidades, uma se apresenta como realidade por excelência: “a realidade da vida cotidiana. Sua posição privilegiada autoriza a dar-lhe a designação de realidade predominante” (Idem, p.38).

E o que seria da “realidade da vida cotidiana” sem o *sensu comum*?

Por exemplo, o que convencionamos chamar de “atitude natural” nada mais é do que simplesmente a “... atitude da consciência do senso comum precisamente porque se refere a um mundo que é comum a muitos homens. O conhecimento do senso comum é o conhecimento que eu partilho com os outros nas rotinas normais, evidentes, da vida cotidiana” (Idem, p.40).

Nesse sentido, a realidade da vida cotidiana “é admitida como sendo a realidade. Não requer maior verificação, que se estenda além de sua simples presença” (Idem).

Aliás, para Berger e Luckmann, interpretar significa principalmente inserir-se na ordem do cotidiano ou da vida cotidiana, que, por sua vez, vive mergulhada no *sensu comum* e dominada por motivos concretos e pragmáticos.

Trata-se do oposto sugerido pela “interpretação” de um texto moderno ou erudito, criado muitas vezes, como numa espécie de jogo, tendo em vista a “interpretabilidade”, ou seja, criado para ser interpretado.

Note-se que a para os dois sociólogos, a “atitude teórica” poderia ser descrita simplesmente como a contestação da realidade cotidiana.

Por outro lado, a linguagem comum, popular e acessível, a “... linguagem comum de que disponho para a objetivação de minhas experiências, funda-se na vida cotidiana e conserva-se sempre apontando para ela mesmo quando a emprego para interpretar experiências em campos delimitados de significação” (Idem, p.43).

De fato, a linguagem popular, pública, compartilhável e acessível, pode ser de grande utilidade para lidar com assuntos especiais. Um tema complexo tratado através de um discurso prolixo estará fatalmente condenado à obscuridade, à ambigüidade, à relação não-dialógica.

Quanto ao pressuposto erudito e moderno de que um tema complexo demanda necessariamente uma linguagem complexa – até porque ambos na realidade seriam indissociáveis, postura curiosa para um modelo que se propõe “analítico” –, trata-se, a meu ver, apenas de uma visão cultural, baseada num certo modelo de pensamento que, por vezes, é apresentado como “o” modelo. Tal padrão pode ser adotado pelo modelo de pensamento oficial, hegemônico e escolarizado mas não deve, nem de longe, ser identificada com a postura popular.

Na prática, a referida visão deveria, isso sim, ser mais discutida. É comum, no âmbito dos estudos universitários, encontrar autores que abordam temas complexos de forma bastante acessível. Ótimos exemplos são Mikhail Bakhtin, Norbert Elias, Louis Dumont e Antônio Cândido. O inverso, infelizmente, também é verdadeiro.

Volta e meia, penso nas palavras irônicas de Fritz Perls. Segundo ele, “um texto complicado” pode servir “à tríplice função de confundir o leitor, aumentar a auto-estima do escritor e obscurecer pontos que supostamente deveriam ser esclarecidos” (PERLS, 1981, p. 17).

Na verdade, como lembram Berger e Luckmann “mesmo especialistas como mágicos e cientistas” – a provocação é deles – “vivem em uma ‘realidade’ compartilhada e (...) não só a vida cotidiana, a vida concreta, vive mergulhada no *senso comum* e dominada por motivos pragmáticos, como “uma grande parte do acervo cultural do conhecimento consiste em receitas para atender a problemas de rotina” (BERGER; LUCKMANN, 2002, p. 65).

Os dois sociólogos observam a situação relacional e social humana, independentemente dos *modelos de consciência* construídos socialmente, afinal “[u]m elemento importante de meu conhecimento da vida cotidiana é o conhecimento das estruturas que têm importância para os outros.” (Idem).

E como as instituições são a realidade exterior, “o indivíduo não as pode entender por introspecção. Tem de ‘sair de si’ e aprender o que elas são, assim como tem de aprender o que diz respeito à natureza”. (Idem, p. 86).

Como se vê, são idéias e concepções que ampliam e valorizam em muito a necessidade de discutir o *senso comum*, a meu ver o pano de fundo do discurso popular.

A partir delas pode-se sugerir que a “introspecção”, a “autoconsciência” e a “reflexividade” – elementos constituintes e paradigmas do chamado pensamento crítico – possivelmente tenham sofrido uma valorização exagerada na sociedade moderna e tal valorização parece ter impregnado seu discurso.

Para o antropólogo Clifford Geertz, saber que a chuva molha, que o fogo queima, que a pedra é dura, que a morte vem, que tudo passa etc. acaba formando um sistema que se expande “até abranger um território gigantesco de coisas que são consideradas como certas e inegáveis, um catálogo de realidades básicas da natureza”, acessíveis a todos e, note-se, quase sempre independentemente de culturas. A chuva molha, a pedra é dura e a morte vem em todas as culturas conhecidas.

Nas palavras de Geertz, a religião se baseia na revelação, a ciência na metodologia, a ideologia na paixão moral. Os “... argumentos do *senso comum*, porém, não se baseiam em coisa alguma, a não ser na vida como um todo. O mundo [e, eu acrescentaria, a experiência prática] é sua autoridade” (GEERTZ, 1999, p.114).

E diz Geertz ainda que a “...análise do comum [...] deve, portanto, iniciar-se por um processo que reformule esta distinção esquecida, entre uma mera apreensão da realidade feita casualmente [...] e uma sabedoria coloquial com pés no chão que julga ou avalia esta realidade” (Idem, 115).

É preciso ser claro: os indivíduos nascem, crescem e amadurecem num “mundo cotidiano de objetos de *sensu comum* e de atos práticos”. Tal mundo, segundo Clifford Geertz, “constitui a realidade capital da experiência humana – capital no sentido de ser este o mundo no qual estamos solidamente enraizados, cuja inerente realidade pouco podemos questionar (por mais que possamos questionar certas porções dela) e de cujas pressões e exigências raramente podemos escapar. Um homem, até mesmo grandes grupos de homens, pode ser esteticamente insensível, não preocupado religiosamente e não equipado para perseguir a análise científica formal, mas não pode ter uma falta total de *sensu comum*, e assim mesmo sobreviver” (GEERTZ, 1989, p. 135).

Em outras palavras, o discurso do *sensu comum* expressaria primordialmente as questões práticas, contextuais, vitais, relacionadas à existência concreta, vista como atualização, e não como virtualidade ou abstração.

E a vida concreta, vida do *sensu comum*, lida necessariamente com assuntos como o envelhecimento, a morte e as relações entre os homens, temas vitais e difíceis para o homem.

Imagine o leitor uma sociedade com escolas que ignorem e não valorizem o *sensu comum*. Seria lamentável e, infelizmente, isso ocorre em todas as escolas que conhecemos!

Gramsci acreditava que “o saber do fazer e o saber do pensar populares [...] são um saber de fragmentos, não utilitário e não capaz portanto de refletir a vida social tal como ela é” (BRANDÃO, 1982, p.101).

Trata-se obviamente de uma visão equivocada, sobretudo se levarmos em conta que o *sensu comum*, traço do discurso popular, é, como acredito, elemento fundamental, verdadeiro substrato de qualquer coisas que possa ser chamada de “vida social tal como ela é”.

Prefiro, evidentemente, as palavras de Walter Benjamin, que, em seu clássico estudo “O narrador – Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, abordou a “experiência de vida”, o “*sensu prático*” e o “conselho”. Para Benjamin, “o conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria” (BENJAMIN, 1993, p. 200), sabedoria, note-se, que Benjamin, opõe à “informação” algo bem mais impalpável do que a forma como costuma ser apresentada até porque necessita de atualização periódica.

Não confundir, ressalte-se logo, o “conselho”, muitas vezes plurissignificativo, portador da sabedoria (que trata de assuntos existenciais paradoxalmente concretos e ambíguos), com a “lição”, sempre unívoca, monológica, normativa, prescritiva, portadora da “informação” e, note-se, constantemente atualizável.

É hora de lembrar a sugestão do filósofo John Searle a respeito da existência de uma *teoria implícita*. Tal teoria seria construída num processo de longa duração a partir de noções e princípios do *senso comum*. Sabemos que o que significa um sorriso ou o choro. Sabemos identificar a dor. Sabemos que a água molha, que o fogo pode ser perigoso e queima, que o trabalho cansa e que a união costuma fazer a força. Para Searle o imenso conjunto de conhecimento representado pela “teoria implícita”, ou seja, pelo *senso comum*, é um substrato fundamental do comportamento humano (SEARLE, 1984, p.73-4).

Vejamos o que ele diz.

Segundo Searle, as pessoas reconhecem a existência dos princípios teóricos enraizados no *senso comum* mas caçoam deles alegando que são meramente uma teoria popular e deveriam se suplantados por alguma explicação mais séria, sistemática, objetiva e científica do comportamento humano. Searle desconfia desta pretensão. Nas suas palavras, “Aristóteles e Descartes sentir-se-iam plenamente familiarizados com a maior parte de nossas explicações do comportamento humano, mas não com as nossas explicações dos fenômenos biológicos e físicos. A razão habitualmente aduzida para isso é que Aristóteles e Descartes dispunham de uma teoria primitiva da Biologia e da Física, por um lado, e de uma teoria primitiva do comportamento humano, por outro; e que, enquanto progredimos na Biologia e na Física, não fizemos um avanço comparável na explicação da conduta humana. Quero sugerir uma concepção alternativa. Penso que Aristóteles e Descartes, tal como nós, já possuíam uma teoria sofisticada e complexa da conduta humana. Penso igualmente que muitas explicações, supostamente científicas do comportamento humano, como as de Freud, empregam efetivamente mais do que substituem os princípios da nossa teoria implícita da conduta humana” (Idem, p.74).

E esses princípios implícitos e fundamentais relativos à conduta humana, quero ressaltar, foram concebidos e construídos longe de universidades, laboratórios, modelos teóricos ou pesquisas e estatísticas científicas mas, sim, de forma espontânea, empírica, assistemática e intuitiva, à la *bricoleur*, através das relações, das trocas e da acumulação de experiência entre os homens ao longo do tempo.

Sabedoria – vista como experiência concreta e conhecimento sobre a vida prática – e atualização – vista como informação que passou por uma revisão – são noções que não combinam.

Pois bem, o *senso comum* revela-se ser um elemento fundamental, assim como as noções de hierarquia e religiosidade, do tecido que constrói o pensamento popular.

Senso comum e conselho, atuando sinergicamente, formam esse acervo valioso, insubstituível e imenso de especulações e considerações a respeito da vida e o mundo composto, por exemplo, pelos ditados populares. Trata-se de uma sabedoria absolutamente compartilhável, impregnada pelo *discurso-nós* (refiro-me a um discurso capaz de gerar identificação na maioria das pessoas) e construída por meio da noção da semelhança entre as pessoas ou da existência de pontos comuns entre todos nós.

Prova disso é que analfabetos e letrados de todos os níveis e posições sociais utilizam recorrentemente noções populares, do *senso comum*, bastante heterodoxas do ponto de vista moral, e sempre pragmáticas, que podem ser muito bem exemplificadas por ditados como: “muito ajuda quem não atrapalha”, “contra esperto, esperto e meio”, “em briga de pedra garrafa não entra”, “em toda parte há um pedaço de mau caminho”, “quem anda montado na razão não carece de espora”, “boi sonso, a cornada é certa”, “quem elogia toco é coruja”, “galinha velha não escolhe minhoca”, “em casa de enforcado não se fala em corda”, “quem não sabe nadar, bota a culpa no rio”, “quem está de fora joga melhor”, “quem avisa amigo é”, “quem anda na linha, o trem esbagaça”, “muito atura quem precisa”, “mal de muitos, consolo é”, “homem velho, saco de azares”, “quem pariu Mateus que o embale”, “em tempo de tempestade qualquer buraco é abrigo”, “o melhor tempero é a fome”, “mais vale um hoje do que dois amanhã”, “na boca de gente ruim ninguém presta” e assim por diante.

Para Jack Goody, provérbios são “concentrados da sabedoria coletiva”.³

A mesma “sabedoria coletiva” do *senso comum*, desenvolvida longe de laboratórios e de teorias abstratas e perto da experiência concreta de vida, pode ser encontrada nas quadras populares que circulam por todo o país. A exemplo dos ditados, não poucas vezes, abordam assuntos complexos da vida humana concreta, sempre por meio de uma linguagem absolutamente acessível e fácil de memorizar:

*As idades neste mundo
Têm os quinhões desiguais*

³ Para Goody (1988, p. 142), provérbios são “concentrados da sabedoria coletiva”.

*Moço pode mas não sabe
Velho quer não pode mais*

*Eu queria, ela queria
Eu pedia, ela negava
Eu chegava, ela fugia
Eu fugia, ela chorava*

*Eu tenho medo da morte
E para morte eu nasci
Tenho medo da viagem
Caminho que eu nunca vi*

*Tu fingiu que me enganava
Eu fingi que acreditei
Foste tu que me enganaste
Ou fui eu que te enganei?*

Muitas adivinhas populares, descendentes, segundo André Jolles (1976), de enigmas arcaicos, são pura linguagem figurada, verdadeiras metáforas, e também especulam sobre o sentido da vida e das coisas do mundo concreto:

*O que é, o que é?
Quem faz nunca vai querer
Quem compra não quer usar
Quem usa não pode ver
Quem vê não vai desejar?
R. o caixão de defunto*

*O que é, o que é?
Quanto mais cresce menos se vê
Quanto mais se tira maior fica
Sempre se quebra quando se fala
Quanto mais se perde mais se tem?
R. a escuridão, o buraco, o segredo ou o silêncio e o sono*

*O que é, o que é?
Deus dá na primeira vez
Na segunda vez Deus dá
Na terceira quem quiser
Que se vire e vá comprar?
R. os dentes*

*O que é, o que é?
Essa coisa é invisível
Quem compra nunca quer ter
É roupa que mulher veste
Mas o marido não vê?
R. o luto*

*O que é, o que é?
Separa as coisas do mundo
Na terra manda e desmanda*

*Sobe morro, desce morro
Vive parada e não anda?
R. a cerca*

Poderia citar frases feitas conhecidas de todos, mas nem por isso menos interessantes, como “dar nó em pingo d’água” ou “trocar seis por meia dúzia” ou “chutar cachorro morto” ou “mijar pra trás”; trocadilhos, como “bife ali na mesa”, “transmimento de pensação” ou “faca de dois legumes”; trava-línguas, como “quem paca cara compra, cara paca pagará” ou “um sapo dentro do saco/ o saco com o sapo dentro/ o sapo batendo papo/ o papo cheio de vento”, parlendas e outras saborosas e instigantes brincadeiras com palavras inventadas a partir do modelo de consciência *popular*, mas paro por aqui. A cultura popular é extraordinariamente rica mas agora vamos falar de samba. Nele o *senso comum*, a sabedoria concreta, pragmática e lúdica do povo, é uma presença constante.

Muitos temas recorrentes no samba – família, hierarquia, contexto, solidariedade, festa, comida, malandragem e religiosidade, entre outros – são fundados no imenso, precioso e vital acervo do *senso comum*.

A recorrência de ditados e frases feitas, representações e reafirmações do *senso comum*, é evidente em numerosos sambas. Não creio que seja necessário colocar as letras por inteiro. Selecionei apenas os trechos em que ditados ou quadras são utilizados.

Aviso ao leitor que as letras de samba não serão apresentadas em ordem cronológica mas sim alfabética. O recurso, como sabemos, é típico de manifestações da cultura escrita e se caracteriza pela descontextualização. Faço isso propositalmente pois quero ressaltar a recorrência de certos temas e procedimentos independentemente de períodos e recortes históricos datados.

Começo com “Água e azeite” de Monsueto:

*Quis tapar o sol com a peneira
Agora está na hora de chorar
Você é água e sou azeite
Não podemos nos misturar*

(MONSUETO, 2000, gravado em 1962)

“Aos pés da santa cruz” de Zé da Zilda e Marino Pinto:

*O coração tem razões
Que a própria razão desconhece
Faz promessas e juras
Depois esquece*

(JOÃO GILBERTO, 1990 - gravações de 1958)

“Atire a primeira pedra” de Mario Lago e Ataulfo Alves:

*Eu sei, mulher, que você mesma vai dizer
Que eu voltei pra me humilhar
É, mas não faz mal
Você pode até sorrir
Perdão foi feito pra gente pedir*

(MÁRIO LAGO, s/d., gravado em 1973).

“Cada macaco no seu galho” de Riachão:

*Cho chuá, cada macaco no seu galho
Eu não me canso de falar
Cho chuá, o meu galho é na Bahia
Cho chuá, o seu é em outro lugar
Cho chuá, cada macaco no seu galho
Cho chuá, eu não me canso de falar
Cho chuá, o meu galho é na Bahia
Cho chuá, o seu é em outro lugar*

(RIACHÃO, s/d, gravado em 1974)

“Camarão com chuchu” de Nei Lopes:

*A maré hoje não tá pra peixe
Não tá pra sardinha
Nem pra baiacu
Quanto mais pra camarão
Camarão tá caro pra chuchu*

(JOVELINA PÉROLA NEGRA, 2000)

“Casa um da vila” de Monsueto e Flora Matos:

*Eu sinto sede
Eu sinto fome
Mas mulher de amigo meu
Pra mim é homem*

(MARTINHO DA VILA, 1999, gravado em 1973).

“Coberto de ouro” de Waldemar Gomes e Afonso Teixeira:

*Eu digo e repito
Que não acredito
No teu juramento
Cesteiro que faz um cesto
Faz um cento*

(ARACY DE ALMEIDA, 1997, gravado em 1942).

“Corda no pescoço” de Guinéto e Adalto Magalha:

*E o povo como está?
Tá com a corda no pescoço
É um dito popular
Deixa a carne e rói o osso
Mas a vida dessa gente
Aposto que está um colosso
Mas da fruta que eles gostam*

Eu como até o caroço

(BETH CARVALHO, 2001, gravado em 1986).

“E eu não fui convidado” de Zé Luiz e Nei Lopes:

*Vou lhe dizer um ditado
Do meu tempo de garoto
Quem tem cabra que segure
Porque o bicho tá solto
Diga pro seu novo amor
Que ele é um tremendo pastel
Eu quero um pedaço do bolo
Senão vai ter rolo nessa lua de mel
(...)
Vou lhe dizer outra coisa
Sem ter medo de resposta
Quem teme águas passadas
Não nada em rio de costas*

(NEI LOPES. s/d., gravado em 1999).

“É um quê que a gente tem” de Ataulfo e Torres Homem:

*É um quê que a gente tem
Ai, muita gente diz que é bamba
Mas quem é bom já nasce feito
É um quê que a gente tem
(...)
E quem tem boca vai a Roma
Sentimento não comenta
Pretensão e água benta
Cada um toma a que quer*

(ATAULFO ALVES. s/d, gravado em 1941).

“Filosofia do samba” de Candeia:

*Pra cantar samba
Vejo o tema na lembrança
Cego é quem vê
Só aonde a vista alcança
Mandei meu dicionário às favas
Mudo é quem só se comunica com palavras
Se um dia nasce, renasce o samba
Se o dia morre, revive o samba*

(PAULINHO DA VIOLA, 1999, gravado em 1971).

“Laranja madura” de Ataulfo Alves:

*Laranja madura
Na beira da estrada
Tá bichada ô Zé
Ou tem marimbondo no pé*

(ATAULFO ALVES. s/d, gravado em 1966).

“Madalena do Jucú” adaptado por Martinho da Vila a partir de congueiros capixababas:

*Minha mãe não quer que eu vá
Na casa do meu amor
Eu vou perguntar a ela
Eu vou perguntar a ela
Se ela nunca namorou
(...)
O meu pai não quer que eu case
Mas me quer namorador
Eu vou perguntar a ele
Eu vou perguntar a ele
Por que ele se casou*

(MARTINHO DA VILA, s/d).

“Malandro sou eu” de Arlindo Cruz, Franco e Sombrinha:

*Segura teu santo seu moço
Teu santo é de barro
Que sarro! Dei a volta no mundo
E voltei pra ficar
Eu vim de lá do fundo do poço
Não posso dar mole pra não refundar*

(ARLINDO CRUZ, 2003)

“Meu pirão primeiro” de J. Garcia e Nilo Dias:

*Farinha pouca, meu pirão primeiro
Este é um velho ditado do tempo do cativo
E a Xica assim dizia
Na hora de preparar
Pro pirão ficar gostoso
Tem que saber temperar
E eu falei pra você...*

(BEZERRA DA SILVA, s/d).

“Nega do patrão” de Otacílio da Mangueira e Ari do Cavaco:

*Ela é nega do patrão
(Eu já disse que não)
Laranja, laranja madura, na beira da estrada
Dando mole ninguém quer
É rabo de foguete
Ou tem marimbondo no pé*

(ZECA PAGODINHO, 1996).

“O bom pastor” de Pedro Butina, Regina Bezerra e Laureano:

*Abriu a bíblia nos dez mandamentos
Mas só disse oito, a madame pulou
Cadê o não roubar e não matar
Ele disse foi erro do tal editor
E também pergunte para o seu marido
Se no parlamento ele nunca roubou
E se a senhora acha que eu estou errado
Está esquecendo a voz da razão
Porque quem rouba a mulher de ladrão*

Tem direito também a 100 anos de perdão
(BEZERRA DA SILVA, 2001).

“Ô Isaura” de Rubens da Mangueira:

*Todo rico quando morre
Foi porque Jesus levou
Todo pobre quando morre
Foi cachaça que matou*
(BETH CARVALHO, 1998).

“O que será de mim” de Ismael Silva e Nilton Bastos:

*Minha malandragem é fina
Não desfazendo de ninguém
Deus é quem nos dá a sina
E o valor dá-se a quem tem*
(MÁRIO REIS E FRANCISCO ALVES, 1997,
gravado em 1931).

“Quem pode, pode” de Bucy Moreira e Haroldo Torres:

*Quem pode, pode
Quem não pode se sacode
Se você não pode
Deixa quem pode batucar
Estou notando que você não é batuqueiro
Então nesse terreiro
Você não pode ficar*
(BUCY MOREIRA, s/d., gravado em 1973)

“Saudosa maloca” de Adoniran Barbosa:

*Mato Grosso quis gritar, mas em cima eu falei
O homem está com razão
Nóis arranja outro lugar
Só se conformemos quando o Joca falou:
“Deus dá o frio conforme o cobertor”
E hoje nós puxa a paia nas gramas do jardim
E pra esquecer nós cantemos assim*
(ADONIRAN BARBOSA, 2002).

Concluo com “Tim tim por tim tim” de Haroldo Barbosa e Geraldo Jacques:

*Morreu um rei
Salve o rei que vai chegar
Não sei sofrer, não sei chorar
Só sei me conformar*
(JOÃO GILBERTO, 1977).

O *senso comum* evidentemente não se reduz ao provérbio. Ditos populares propõem, isso sim, noções que devem ser associadas ao imenso universo constituído pelo *senso comum*. Vejo tal universo como o pano de fundo, o lugar a partir do qual o discurso popular é construído, pelo menos, o discurso do samba.

Não pretendo com esses exemplos afirmar que ditados, frases feitas ou quadras populares não sejam utilizados pelos compositores da moderna música brasileira (de um modo geral, compositores mais vinculados ao modelo *oficial, hegemônico e escolarizado*). Ao contrário, creio que esses recursos estão disseminados em quase todas as canções. Quero ressaltar, isso sim, que são traço importante e caracterizador do samba e de um discurso que poderia ser considerado “popular”.

Gostaria de comentar o caso de “Bom conselho”, obra de Chico Buarque:

*Ouçá um bom conselho
Que eu te dou de graça
Inútil dormir que a dor não passa
Espere sentado
Ou você se cansa
Está provado
Quem espera nunca alcança
Venha, meu amigo
Deixe esse regaço
Brinque com meu fogo
Venha se queimar
Faça como eu digo
Faça como eu faço
Aja duas vezes
Antes de pensar
Corro atrás do tempo
Vim de não sei onde
Devagar é que não se vai longe
Eu semeio vento
Na minha cidade
Vou pra rua e bebo a tempestade*

(CHICO BUARQUE, 1997, p. 99).

Esta bela canção é um exemplo interessante, no âmbito da moderna música popular brasileira, do uso de ditados populares, ou seja, do uso de importantes conceitos do *senso comum* e de um recurso típico do discurso popular, adotados pelo pensamento crítico, analítico e reflexivo, característico do modelo hegemônico e oficial.

Gravada em 1972, em plena ditadura militar, a canção sem dúvida se refere, ou *também* se refere, àquele triste período histórico brasileiro. Naquele dado momento sociopolítico, abordado analiticamente e com visão geral e distanciada, falar “inútil dormir que a dor não passa”, “quem espera nunca alcança”, “devagar é que não se vai longe” representava um convite à reflexão crítica e à tomada de consciência, além de ser uma clara e corajosa contestação aos ditames do regime militar e autoritário.

Para além disso, é preciso notar, o compositor lançou mão de procedimentos como a paródia e a desautomatização, recursos característicos da modernidade. Neste plano, o texto de Chico Buarque, creio, se afasta bastante do modelo popular e tradicional, pragmático e direto por excelência.

No plano da consciência popular, entretanto, consciência enraizada na pessoa dentro de uma hierarquia, inseparável da religiosidade, muito mais ligado ao contexto local do que ao contexto geral, muito mais vinculado à solução de problemas imediatos da vida pessoal, concreta e prática, e ainda, num ambiente de muita dificuldade e privação, noções como “inútil dormir que a dor não passa”, “quem espera nunca alcança”, “devagar é que não se vai longe” também têm sentido, não há dúvida. Estão representadas, de forma não sistemática, por ditados como “quem sabe faz a hora”, “cutia ficou sem rabo de tanto fazer favor”, “deixa estar jacaré, que a lagoa há de secar”, “um dia é da caça, outro do caçador”, “passarinho que come pedra sabe o rabo que tem”, “quem muito se abaixa, o cu lhe aparece” e “quem não chora, não mama”. Por outro lado, noções como “o tempo tudo cura”, “dormir para a dor passar”, “quem espera sempre alcança” e “devagar é que se vai longe”, análogas a “apressado come cru”, “a pressa passa e a bosta fica”, “bezerro que berra muito não mama” e “dar tempo ao tempo”, também fazem parte importante do repertório heterodoxo do *senso comum*.

Vale lembrar o samba-toada “Tempo ê” de Zé Luiz e Nelson Rufino. Nele a voz que canta acredita em dar tempo ao tempo. Conta a história de um amigo que buscava a glória de forma apressada e esqueceu que o tempo tem “lugar e hora marcada”. Resultado teve que esperar sentado e assim aprendeu mais. Segundo o samba amor, trabalho, vida cotidiana e saudade, cada um tem seu tempo. E conclui

*Veja a fruta que amadurece
Por processos não normais
Não tem a cor, nem o cheiro
Nem sabor das naturais*

(ROBERTO RIBEIRO, s/d).

Quero ressaltar o seguinte. Independentemente de *modelos de consciência*, de tradições e modernidades, no território da vida mesmo, concreta e situada, há de fato momentos em que “quem espera nunca alcança” e “devagar é que não se vai longe”, mas igualmente há momentos em que “dar tempo ao tempo” pode ser bem melhor.

Apesar de, parece claro, não ter sido essa a intenção de Chico Buarque, o texto de “Bom conselho”, se descontextualizado, ou seja, se lido hoje, por exemplo, por alguém que ainda não tinha nascido em 1972, pode servir para reforçar a associação mecânica e simplista entre “popular” e “conservadorismo”, “ignorância”, “atraso”, “inoperância”, “preguiça”, “comodismo” e, por outro lado, relacionar mecanicamente “modernidade” a “progresso”, “evolução”, “inovação”, “desenvolvimento”, “conhecimento”, “ação” e “avanço”.

Não examinados os diferentes *modelos de consciência* e seus pressupostos, tais associações, a meu ver, apesar de disseminadas, não passam de estereótipos teóricos, vazios e equivocados, além de preconceituosos.

Parte significativa do discurso da moderna música popular brasileira, fruto de um *modelo de consciência* que presume a predominância de elementos como a voz individual, o pensamento crítico, a autoconsciência, a reflexividade e a autonomia, em suma, o que poderia ser chamado de *discurso-eu*, costuma considerar, como vimos, o “*senso comum*” sinônimo de “lugar-comum”, “fórmula”, “estereótipo” ou “clichê”, em suma, “falta de originalidade”.

Tal modelo parece partir da crença de que só através do chamado “pensamento crítico” o artista-indivíduo – na solidão, nas “profundezas da alma do artista”, na liberdade e na autonomia do seu processo criativo interior, individualizado, singular e único – pode criar obras significativas capazes de “ampliar o universo de significação”, “desautomatizar as mentes comuns” ou “expandir as consciências”.

Pois bem, acredito que obras criadas a partir do modelo de consciência *popular*, baseado na voz pessoal, nas hierarquias e no *senso comum*, também nascem de um “pensamento crítico”, tenham “autoconsciência” e “reflexividade”.

Ocorre que seu pano de fundo, o substrato para a atuação de tais recursos, corresponde a um modelo que valoriza a pessoa (oposta a “indivíduo” como ensinou Dumont) e a relação entre pessoas, a pessoa e sua relação com um contexto concreto e, em vez de “idéias”, “teorias” e “informações”, a “sabedoria”, ou seja, o conhecimento construído a partir da experiência prática de vida. Sua representação é o *discurso-nós*, que pressupõe, naturalmente, um “pensamento crítico-nós”, uma “autoconsciência-nós” e uma “reflexividade-nós”.

Em outras palavras, enquanto o processo criativo moderno é individualizado, livre e autônomo, pressupõe a reflexividade e a auto-reflexão e, ainda, tende à abordagem distanciada e crítica, ou analítica e verticalmente profunda, baseada em “idéias”, “teorias” e “informações”, o processo popular parece ser relacional por excelência, constrói-se necessariamente a partir da relação com o outro e da relação com o contexto imediato.

Demanda, portanto, a horizontalidade, uma reflexão essencialmente dialógica, uma reflexão “com” o outro, uma “reflexão-nós”, sempre baseada na “sabedoria” da existência concreta e situada. Por ser limitado pelo horizonte do “nós”, tal processo pode ser considerado, sem dúvida, menos “profundo” ou “singular”, menos “especializado” e “tópico”, mas ganha em abrangência, como representação de um *ethos* e um *pathos* coletivo, cujo potencial de compartilhamento e identificação é imenso.

Acreditar, com convicção, que a “verdade”, o “melhor” ou a “arte” sejam originárias, necessariamente, de um “dentro-de-si”, e não de um “dentro-de-nós”, faz parte do *modelo de consciência* oficial proposto pela modernidade individualista, crítica e hegemônica. Se tal presunção corresponde à “realidade”, parece ser pura ideologia, que costuma se manifestar, segundo Berger e Luckmann, a partir do momento em que “... uma particular definição da realidade chega a se ligar a um interesse concreto de poder”.

Para Norbert Elias, na ideologia, o exigido e o desejado fundem-se, na consciência, com o que existe observavelmente. O pensamento ideológico é permeado por fantasias afetivas e de falta de rigor na reflexão sobre esses acontecimentos (ELIAS, 1994, p. 74).

Para Wander Nunes Frota, note-se, a modernidade tende a evitar o rural simplesmente por serem suas metas incompatíveis com as coisas do campo e não por qualquer outra razão (FROTA, 2003, p.172).

Ao que parece, a cultura popular, seus padrões, procedimentos e sua lógica não escolarizada tem sido desprezada, considerada “atrasada” por não se coadunar e até contradizer os paradigmas oficiais.

Enquanto a estrutura de consciência moderna está umbilical e ontologicamente vinculada à cultura escrita, a estrutura mental popular tem como pressuposto essencial o *senso comum* e a oralidade.

Referências:

- BENJAMIN, Walter. “O narrador”, in *Magia e técnica, arte e política – Obras escolhidas*. 5ª Trad. Sérgio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1993.
BERGER, Peter L. e LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. 21ª

- ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é folclore*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- CHICO BUARQUE. *Letra e música 1*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- CUVILLIER, Armand. *Pequeno dicionário da Língua Filosófica*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Trad. Vera Bueno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- FROTA, Wander Nunes. *Auxílio luxuoso – Samba símbolo nacional, geração Noel Rosa e indústria cultural*. São Paulo: Anna Blume, 2003.
- GEERTZ, Clifford. *O saber local*. 7ª ed. Trad. Vera Mello Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 1999.
- _____. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GOODY, Jack. *Domesticação do pensamento selvagem*. Trad. Nuno Luís Madureira. Lisboa: Editorial Presença, 1988.
- JOLLES, André. *Formas simples*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1976.
- LALANDE, André. *Vocabulário técnico e crítico da filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- PERLS, Fritz. *A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia*. Rio de Janeiro: Psyche/Zahar Editores, 1981.
- SEARLE, John R. *Mente, cérebro e ciência*. Lisboa: Edições 70, 1984.

Fontes Sonoras:

- ADONIRAN BARBOSA, *Adoniran Barbosa*. Série Reviva, São Paulo, Som Livre, 2002.
- ARACY DE ALMEIDA. *Os grandes sambas da história*. vol.11, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1942.
- ARLINDO CRUZ. *Pagode do Arlindo. Ao vivo*. WEA Music, 2003.
- ATAULFO ALVES. *A você*. Vol. 2. Paraná, Revivendo, RVCD 112, s/d, gravado em 1941.
- _____. *Saudade da professorinha...* Paraná, Revivendo, RVCD 133, s/d, gravado em 1966.
- BETH CARVALHO. *Beth Carvalho*. Coleção 100 anos de música RCA, CD Duplo, RCA, São Paulo, 2001, gravado em 1986.
- _____. *Pérolas do pagode*, Globo Polydor, São Paulo, 1998.
- BEZERRA DA SILVA. *Grandes sucessos de Bezerra da Silva*. Vol 2, Rio de Janeiro, Cid, s/d.
- _____. *Bezerra da Silva CD duplo, CD1*, São Paulo, RCA, 2001.
- BUCY MOREIRA. *Bucy Moreira*. Coleção *A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes*. Sesc São Paulo, s/d., gravado em 1973.
- JOÃO GILBERTO. *The legendary João Gilberto*. World Pacific, 1990 - gravações de 1958 e 1961.
- _____. *Amoroso*. WEA, 1977.
- JOVELINA PÉROLA NEGRA. *Jovelina Pérola Negra*, Coleção Bambas do Samba, Som Livre, São Paulo, 2000.
- MÁRIO LAGO. *Mário Lago*. Coleção *A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes*, Sesc São Paulo, JBC 0709015, s/d., gravado em 1973).
- MÁRIO REIS E FRANCISCO ALVES. *Os grandes sambas da história*, vol.18, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1931.
- MARTINHO DA VILA. *Origens*, BMG/RCA, São Paulo, 1999, gravado em 1973.
- _____. *Martinho da Vila. Grandes sucessos*. São Paulo, Columbia, s/d..
- MONSUETO. *Monsueto*, Coleção Raízes do Samba, EMI, Rio de Janeiro, 2000, gravado

em 1962.

NEI LOPES. *Nei Lopes*. Coleção *A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes*, Sesc São Paulo, s/d., gravado em 1999.

PAULINHO DA VIOLA. *Raízes do samba*, EMI, São Paulo, 1999, gravado em 1971.

RIACHÃO. *Sambas da Bahia*. Coleção *A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes*, Sesc São Paulo, s/d, gravado em 1974.

ROBERTO RIBEIRO. *Raízes do samba* EMI s/d.

ZECA PAGODINHO. *Deixa clarear*. São Paulo, Polygram, 534078-2, 1996.